



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

KATIANE ALVES SOARES

**DIFICULDADES DOS ALUNOS NO PROCESSO DE
AQUISIÇÃO DA LEITURA NOS ANOS INICIAIS**

CAJAZEIRAS - PB

2008

KATIANE ALVES SOARES

**DIFICULDADES DOS ALUNOS NO PROCESSO DE
AQUISIÇÃO DA LEITURA NOS ANOS INICIAIS**

**Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Plena em Pedagogia do
Centro de Formação de Professores da
Universidade Federal de Campina
Grande, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia.**

Orientadora: Professora Ma. Maria Janete de Lima.

CAJAZEIRAS - PB

2008



S676d Soares, Katiane Alves.
Dificuldades dos alunos no processo de aquisição da leitura nos anos iniciais / Katiane Alves Soares.- Cajazeiras, 2008.
52f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2008.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Aquisição de leitura. 2. Ensino de leitura. 3. Prática de leitura. I. Lima, Maria Janete de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 028

KATIANE ALVES SOARES

**DIFICULDADES DOS ALUNOS NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA
NOS ANOS INICIAIS**

Apresentado em 05/04/2008

Maria Janete de Lima

Ms. Maria Janete de Lima

**CAJAZEIRAS
2008**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus que sempre foi à força motora para que eu buscasse realizar meus sonhos e para que não fracasse nos momentos mais difíceis;

Ao meu esposo pelo incentivo, carinho e paciência em compreender minha ausência nos momentos de estudo;

Aos meus pais;

E a todas as pessoas que me apoiaram e que compartilharam comigo esta etapa de realização pessoal, profissional e acadêmica.

*Ninguém educa ninguém, como tam pouco
ninguém se educa a si mesmo: os homens se
educam em comunhão, mediatizados pelo mundo.*

Paulo Freire

RESUMO

O interesse dos alunos pela leitura é hoje um aspecto preocupante na educação, principalmente nos anos iniciais, pois, neste período de escolarização a criança começa a despertar o seu interesse para ler. A leitura é tão importante para a educação como também para o convívio com o meio social em que vivemos. Neste contexto, a presente monografia que tem por tema Dificuldades dos alunos no processo inicial de aquisição da leitura nos anos iniciais apresenta como objetivo principal identificar as dificuldades encontradas na aquisição da leitura. A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Infantil e Médio Cecília Estolano Meireles, localizada na zona urbana da cidade de Cajazeiras – PB, no bairro das Casas Populares. Nossa perspectiva é de contribuir com ações desenvolvidas pelos professores para que seus alunos possam adquirir a aprendizagem das atividades com mais facilidade. Considerando estas dificuldades e estes problemas, buscamos estudar com determinação investigando as dificuldades dos alunos no processo de aquisição da leitura e refletindo no que os professores podem fazer para estimular nos alunos o gosto pela leitura, procuramos nas teorias que iremos fundamentar neste estudo alguns caminhos que nos proporcionem exercer a prática docente com mais eficácia, contribuindo essencialmente com a formação dos nossos alunos. Os dados dessa monografia serão embasados por alguns diferentes de tipos de fontes, como pesquisa bibliográfica e documental. Para o aprofundamento da discussão foi realizado um estudo de caso. Utilizamos também visitas à escola, questionário e estágio supervisionado. Esta monografia será dividida em três partes. Na primeira parte, uma breve retrospectiva da leitura na sociedade, na segunda, discutiremos a metodologia e matérias de leitura na escola, no terceiro capítulo analisaremos as experiências vivenciadas na escola, desde as primeiras visitas até o Estágio Supervisionado e a conclusão.

Palavras-chave: educação, dificuldades, leitura.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
CAPÍTULO I.....	10
1 Uma retrospectiva da leitura na sociedade.....	10
1.1 A leitura numa perspectiva social.....	12
1.2 Definições e conceitos de leitura.....	14
CAPÍTULO II.....	21
2 Metodologia e materiais de leitura.....	21
2.1 PCN's e leitura.....	29
2.2 O professor e os processos de aquisição de leitura.....	34
CAPÍTULO III.....	38
3 Análise dos dados.....	38
3.1 Metodologia.....	38
3.2 Análise dos questionários dos gestores.....	38
3.3 Análise dos questionários dos professores.....	40
3.4 Análise do estágio.....	42
CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS.....	47
REFERÊNCIAS.....	49
ANEXOS.....	50

INTRODUÇÃO

A referida monografia é um registro de uma pesquisa desenvolvida na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Cecília Estolano Meireles, localizada na zona urbana de Cajazeiras – PB, no bairro das Casas Populares. A escola atende a educação infantil, educação de jovens e adultos e ensino fundamental e tele curso. Ela funciona em três períodos (manhã, tarde, noite), porém, este funcionamento não traz nenhuma implicação para o decorrer do ensino, a mesma atende um número aproximado de 900 alunos no total sendo em média 40 alunos por sala, todos os professores são funcionários efetivos do município e estado. Além do ensino citado anteriormente a escola oferece curso de informática para seus alunos, como também alguns projetos como:

- * Diversificando para aprender – direcionado para os alunos do 4º e 5º anos. Aperfeiçoa as disciplinas estudadas nestas séries, onde para cada matéria tem um professor;
- * Tele colaborativo – trabalha com um tema, Brasil em seis dimensões, é uma troca de informações como os professores de São Paulo, é direcionado aos alunos do 7º ano;
- * Escola promotora de cidadania – trabalha com a informação da comunidade com a escola;
- * Rádio recreio – direcionada para a leitura;
- * Jornada de leitura – trabalha com a leitura.

Contextualizando o tema em pesquisa buscamos identificar a prática da leitura, levando em consideração as dificuldades encontradas pelos alunos e a importância dessa prática se bem desenvolvida, na vida pessoal de cada cidadão.

Os dados apresentados neste trabalho serão embasados por alguns tipos de fontes, a primeira delas seria uma pesquisa bibliográfica e documental. Além disso, para o aprofundamento da discussão foi realizado um estudo de caso, que segundo Matos (2001) é uma prática simples, onde é escolhido apenas um objeto de pesquisa e, por isso, é possível aprofundarmos melhor sobre o caso escolhido.

O que contribuiu para a escolha do tema em questão foi a minha própria experiência com leitura, infelizmente não tenho um bom hábito de leitura, algo que não foi bem trabalhado durante o meu percurso de aluna antes de ingressar no campus, e como tenho dificuldades até

hoje neste assunto, o referido tema é pra mim um instrumento para modificar a realidade educacional no que se refere a este assunto.

É importante compreendermos a importância da leitura para a educação, assim como, para o cotidiano, que eles percebiam que a participação das atividades é um fator relevante para o processo de construção da aprendizagem, e deste modo, expressar-se livremente. O desinteresse pela leitura é um problema preocupante na educação brasileira, principalmente nos anos iniciais onde o gosto pela leitura não é incentivado e muitas vezes o próprio professor não gosta de ler.

O indivíduo começa o desenvolvimento da leitura antes da escolarização, ou seja, no dia-a-dia a criança vai aprendendo a partir de suas vivências. É interessante lembrarmos que a aprendizagem se dá gradativamente e meio a esta aprendizagem a criança vai ao mesmo tempo seu sistema de representação gráfica e da linguagem.

A criança entra em contato com vários objetos ou bens materiais, e aqueles que mais lhe chamarem a atenção são considerados através da linguagem escrita, e desse modo a criança descobre o prazer de ler antes mesmo de aprender ler, como afirma Martins, (1994):

O que o material de leitura na escola esta longe de proporcionar aprendizado tão vivo e duradouro como o desencadeado pelo cotidiano familiar, pelos colegas e amigos, pelas diversões e atribuições diárias, pelas publicações de caráter popular, pelos diversos meios de massa, enfim pelo contexto feral em que leitores se inserem. (Martins, 1994, p. 28)

Compreendemos que a prática da leitura não se limita somente aos textos escritos, o contato com esta prática esta bem próxima de nós e da ligação que temos com o mundo que nos cerca, o que demonstra que o processo de leitura precede o contato com os textos propriamente dito, uma vez que o cotidiano é perpassado por vários textos.

Pretendemos buscar informações a cerca de como é o processo de leitura na referida escola e quais as dificuldades encontradas em suas práticas diárias. Os sujeitos da pesquisa são os próprios professores da referida escola, através dos quais, obtivemos informações utilizando questionários que serão analisados posteriormente.

Diante dos procedimentos de coleta e as fontes de informações, o presente trabalho constitui uma pesquisa de campo, pretendendo manter um contato direto com a população pesquisada, indo diretamente ao espaço onde o fenômeno ocorre, a referida escola. Em seguida a pesquisa será viabilizada através de visitas sistemáticas a escola, onde será enfocada a teoria dos autores atentos e preocupados com essa problemática como também a aquisição da leitura.

Esta monografia será dividida em três partes, a saber: no primeiro capítulo, faremos um breve histórico sobre a leitura; no segundo, abordaremos a metodologia e materiais de leitura e no terceiro capítulo, iremos discutir a análise dos dados coletados na escola e a conclusão.

CAPÍTULO I

1. Uma retrospectiva da leitura na sociedade

As marcas sociais da leitura começaram a definir-se no século XVIII na Europa, e as transformações foram de ordem tecnológica e institucional. A leitura tem um perfil social caracterizado por depender de um sistema, de um processo e de um conjunto de valores. A propagação destes fatores depende não só de um avanço tecnológico fundamental (a invenção da imprensa), como também de uma instituição (a escola).

No século XIV apenas os burgueses, o clero e a nobreza tinham acesso a livros, pois quem possuía algum livro ter leituras com alguns livros exibidos era sinal de posição social, então o quarto passou a ser não apenas as dependências onde se dorme, mas uma biblioteca de livros selecionados e alguns objetos.

Os livros eram confeccionados artesanalmente e tinham imensos volumes, a confecção era um processo longo. Então no século XV na Europa ocorre a invenção da imprensa, e os livros deixam de ser um objeto único e exclusivo confeccionado pelas mãos de uma escriba, agora o livro passa a ser confeccionado em grande quantidade, que artesanalmente isso não era possível.

A leitura estava se tornando numa prática individual, numa necessidade de comunicação, mas a sua distribuição era apenas no âmbito literário, apenas para as camadas cultas e até o século XV os livros eram escritos em latim, e para que muitas pessoas pudessem ler, a partir do século XVI os livros começaram a serem publicados na língua que a maior parte das pessoas usavam, gerando então, transformações no âmbito da comunicação, da literatura e na história das línguas.

Em meados da década de 1440, Johann Gutenberg criou as letras do alfabeto de prisma de metal para moldar as faces das letras numa prensa que combinava características utilizadas na fabricação de vinho e na encadernação, uma tinta de base oleosa. Então, entre 1450 e 1455 Gutenberg produziu um livro com esta técnica e muitos leitores perceberam as vantagens de sua invenção.

O livro possuía o formato com as suas páginas costuradas, técnica que ainda é usada nos dias de hoje, no entanto a produção destes livros era bastante limitada, além de ser caro e raro. Foi no século XVIII que a imprensa aperfeiçoou-se e começou a produzir com mais rapidez distribuindo jornal, folhetim.

A inclusão do livro na sociedade ocasionou mudanças no cotidiano das pessoas. Agora torna-se tarefa da escola a difusão da língua vernácula e não mais do latim e do grego e a escrita tem uma importante percepção da realidade. A leitura possibilita ao homem/mulher ampliar seus horizontes.

No século XVIII ocorreu a Revolução Industrial e decadência do poder feudal. A urbanização se deu de modo rápido e desigual. Logo o desenvolvimento tecnológico repercute na indústria gráfica, significando um aumento na produção de obras impressas, crescendo o número de livrarias, em consequência do grande número de leitor ocorre a multiplicação das obras. O livro deixa de ser também de ser o único material impresso até então e a partir do século XVIII aparecem outras formas de comunicação, como o jornal, o cartaz, o folhetim. Com o crescimento do número de leitores os materiais de leitura se diversificam, surgem as novelas, a poesia lírica, a literatura infantil, o romance, o conto.

O livro deixa agora de ser um objeto raro, pois a leitura passa a ser uma prática de diferentes classes sociais, porém nunca igualitária, nem semelhante. Até o século XVIII o gosto dominante era da camada aristocrata, a letrada. De um lado a produção literária, artística, consumida pelos aristocratas e de outro a cultura popular baseada na realidade.

A burguesia constitui o principal consumidor da leitura, ela configura-se por ser detentora do poder aquisitivo, e assim, tendo maior acesso aos livros. Por isso, a leitura começa a refletir a divisão de classes que existia na sociedade. Ela reforça esta divisão porque o indivíduo letrado é sempre considerado superior do não letrado. A burguesia tem condições de ser consumidora, ela mostra essas condições como algo positivo, então, obriga as classes dependentes a lerem sob pena de serem desprezadas. A burguesia, entretanto, não era dotada de maior habilidade ou maior capacidade intelectual do que as outras classes.

A história da leitura foi constituída de uma perspectiva social e tecnológica, ela foi difundida mediante as necessidades de uma classe consumidora, onde a escola colaborou com o processo de difusão, pois os produtos destinados á leitura visavam a burguesia, porque era uma classe letrada, como também ela assumiu a escolarização, como sendo uma necessidade do Estado.

No século XVIII distingue-se economicamente pela imposição do sistema capitalista, esse século corresponde a um período em que a educação se converte em projeto coletivo, perdendo sua característica de prática individual.

A alfabetização é a base do processo da leitura, na medida em que conhecer passou a depender cada vez mais da habilidade de ler. A escola privilegia a livro, agora ele é um instrumento do saber e a habilidade de ler só era obtida na escola, daí a expansão e a valorização da escola. Então no século XIX era obrigatório o ensino na Europa e no Brasil cem anos depois.

A leitura significa o ponto de encontro tanto da questão econômica ligada a difusão do livro como objeto de consumo, quanto a própria escola na aquisição de conhecimento. Assim, a escola forneceu leitores para o mercado e o mesmo gerou material para circular não só durante a fase de escolarização, como também depois dela, assegurando seus efeitos ao longo do tempo.

1.1. A leitura numa perspectiva social

A leitura é considera como sendo resultado de um período de escolarização, juntamente com o cotidiano, mas ela não é inata, não nascemos com ela, desenvolvemos a capacidade de ler, nesta habilidade adquirida verificamos algumas características sociais, uma vez que decorre de um instrumento da sociedade no indivíduo.

Quando estamos aprendendo a ler, dependemos de alguns fatores como: a existência de um sistema de escrita, pois numa sociedade sem que existisse a comunicação por meio da escrita, não teria como discutir a questão da leitura; o processo de alfabetização. Estes fatores mostram a leitura como um processo que se constrói socialmente, dependente de um aprendizado formal e por último um conjunto de valores que vincula a leitura a valores ideológicos que estão presentes nas sociedades históricas. Um conjunto de valores sociais

formam uma representação social no que se refere a leitura, considerando ser ou não importante para cada pessoa, dominar o código escrito. Diferenciando as pessoas que lêem daquelas que não o fazem.

Em uma visão preconceituosa, porém, verdadeira para a ideologia das sociedades que expressa claramente estes valores, num trecho de Cagliari (1990), quando ele diz que as pessoas que não lêem são vazias de conhecimento, ou subnutridas, onde a experiência de vida não se reduz a leitura, mesmo pessoas que conseguiram o sucesso econômico, sendo analfabetos (as), não deixaram de serem vazias, pobres culturalmente, só a experiências da vida, ainda sendo rica, não é suficiente para produzir uma cultura sólida e geral. Então, a concepção de leitura foi construída historicamente, como também ela é uma marca de distinção de classes na sociedade atual, na medida em que ela se restrinja ao material escrito, a leitura marginaliza os indivíduos analfabetos (as).

Além destes fatores básicos que citamos que garantem a existência e o desenvolvimento da leitura, possuem também outros, mas, sempre atrelados à escola como instituição, porém, existem outras instituições para difusão da leitura, como: a família, as bibliotecas, livrarias e outros, contudo a escola é essencial neste contexto, sendo que é nela que ocorre a difusão da escrita e a iniciação do indivíduo na escola, através da alfabetização.

A difusão da leitura depende também de uma tecnologia que vai associar-se a uma série de instrumentos que passaram a existir a partir da invenção da imprensa, da expansão da indústria do livro e de vários aspectos ligados a reprodução mecânica dos textos escritos, há também tecnologia vinculada a escola, que esta relacionada aos métodos de ensino, sendo que quanto mais tecnologia pudermos dispor para o ensino mais eficiente ele ficará.

A escrita é um ato cognitivo (ligado ao conhecimento) e social, por meio do texto escrito podemos estabelecer uma relação entre o autor e o leitor, que interagem à distancia e são socialmente determinados, o homem / mulher através da leitura conseguem recuperar um momento da exposição do documento escrito, o (a) mesmo (a) insere-se na cultura. Assim a escola, sendo uma instituição, tem um papel importante no desenvolvimento do exercício da leitura, como afirma Breves (2004):

A escola tem a importante função de permitir que o educando adquira esse instrumento de inserção sociocultural, transformando-se em falante e leitor / escritor competente, capaz de ler e produzir textos bem escritos. (Breves, 2004, p.20)

Durante a exposição dos três fatores do estudo da leitura numa perspectiva social vimos o fator que está associado a questão ideológica da leitura, esta ideologia expande a noção de que a leitura diferencia os indivíduos alfabetizados e os não-alfabetizados, esta distinção esta relacionada a alguns fatores, como as raízes sociais e a diferença de classes. Essa ideologia atribui ao alfabetizado (a) uma capacidade maior do que o não-alfabetizado(a). Pesquisas já demonstraram que, em quanto as classes alfabetizadas vêem a leitura como lazer, ampliação de horizontes, de conhecimentos, de experiências, as classes não-alfabetizadas a vêem diretamente com instrumento necessário à sobrevivência, ao acesso do mundo de trabalho, à luta contra suas condições de vida. Com isso, as causas sociais ficam encobertas e transferem-se em dificuldades de ordem social para o aspecto pessoal.

Abordamos a leitura num informe social, sendo ela resultado da escolarização e do cotidiano que depende de uma tecnologia associada a uma ideologia, sendo assim é impossível estudá-la somente numa perspectiva individual e concebê-la apenas como um desempenho de uma habilidade adquirida.

Com tudo, o “perfil social da leitura” não se definiu junto com a atividade humana apareceu em um certo momento da história da humanidade, quando a popularização da escrita e da leitura começou a ocorrer durante a Revolução Burguesa e Industrial, como vimos anteriormente, assim podemos afirmar que a leitura tem, em nossos dias características sociais

1.2. Definições e conceitos de Leitura

Aprendemos a ler antes de entrar na escola, esta aprendizagem se dá mediante a observação do meio, das coisas que nos rodeiam, certamente quando começamos a utilizar estes conhecimentos frente a realidade social ou individual podemos dizer que aprendemos á ler observando o mundo. Então, a leitura pode ser caracterizada como um processo que permite o indivíduo compreendeu a razão de ler no mundo e a buscar mais conhecimento sobre a realidade, estes conhecimentos podem vir diretamente da concretude real, ou da busca de registros da cultura, assim a leitura se torna um instrumento de luta, de conscientização e

transformação das estruturas sociais. Neste sentido concordamos com Martins, (1994) quando afirma que:

Aprendemos a ler quando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos, a partir das situações que se a realidade impõe e da nossa atuação nela, quando começamos a estabelecer relação entre as experiências e a tentar resolver os problemas que nos apresentam (Martins, 1994, p. 17).

Deste modo, o indivíduo começa o desenvolvimento da leitura, antes da escolarização, ou seja, no dia-a-dia a criança vai aprendendo a partir de suas vivências. É importante lembrarmos que a aprendizagem se dá gradativamente e meio esta aprendizagem a criança vai ao mesmo tempo construindo seu sistema de representação gráfica e da linguagem.

A leitura é como um processo analítico, onde a compreensão do que se está lendo se dá em todas as partes, das unidades maiores para os menores, seja uma imagem, um texto, uma música dentre outras, podemos afirmar também que é um processo construtivo, pois o leitor utiliza-se conscientemente das habilidades de leitura adquiridos por ele, dizem respeito ao conhecimento do leitor de como fazer alguma coisa, identificar idéias principais, reconhecer padrões retóricas, identificar recursos coesivos. As estratégias também fazem parte deste processo, elas consistem no uso consciente dessas habilidades com vistas a alcançar determinado objetivo. Este método pode ser caracterizado ainda como interativo, exige o envolvimento dos conhecimentos do leitor com as informações do texto.

Compreendemos a leitura enquanto um processo historicamente determinado, que congrega e expressa os anseios da sociedade. Quando a sociedade se divide em classes antagônicas e mostra-se desigual em diferentes níveis, na leitura pode se apresentar na condição de um instrumento de controle, empregado sistematicamente pelos setores dominantes. Neste caso, ela constitui elemento auxiliar do processo de inculcação ideológica, colaborando para a reprodução das estruturas sociais e para a permanência da situação privilegiada do grupo detentores do poder. Como afirma Martins (1994):

Daí a valorização do saber ler e escrever, já que se trata de um signo arbitrário, não disponível na natureza, criado como instrumento de comunicação, registro das relações humanas, das ações e aspirações dos homens; transformando com frequência em instrumentos de poder pelos dominadores. (Martins, 1994, p. 19)

Mas em contraponto, pode ser a liberação dos dominados, compreendido dialeticamente, a leitura pode se apresentar na condição de um instrumento de conscientização, quando diz respeito aos modos como a sociedade; em conjunto, repartida em segmentos diferentes ou composta de indivíduos singulares, se relaciona ativamente com a produção cultural, isto é, como os objetivos e atividades em que se depositam as manifestações da linguagem.

Assim como a aprendizagem em geral e da leitura em particular significa uma conquista da autonomia, permite a ampliação dos horizontes, implica comprometimento. Desta forma, a leitura coloca-se como um meio de aproximação entre os indivíduos e a produção cultural, podendo significar a possibilidade concreta de acesso ao conhecimento e agudização do poder de crítica por parte do público leitor.

A aprendizagem em geral da leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto, onde tentamos satisfazer os objetivos que guiam a leitura, envolvendo a presença de um leitor que processa e examina o texto, construindo o seu significado diante dele. Assim diz Solé, (1998):

A interpretação que nós, leitores realizamos dos textos que lemos depende em grande parte do objetivo da nossa leitura. Isto é, ainda que o conteúdo de um texto permaneça invariável, é possível que dos leitores com finalidade diferente extraiam informações distintas do mesmos. (Solé, 1998, p.22)

Podemos entender com esta afirmação, que sempre deve existir um objetivo para guiar a leitura, sempre lemos para algo, para alcançar alguma finalidade. As variedades de objetivos e finalidades que faz com que o leitor se situe diante de um texto amplo e variado, como: preencher um momento de lazer; procurar uma informação; seguir uma pauta ou instrução, informar-se sobre um determinado fato; confirmar ou refutar um conhecimento prévio; ampliar a informação obtida com a leitura de um texto na realização de um trabalho.

A criança entra em contato com vários objetos, ou bens materiais, e aqueles que mais lhe chamar a atenção são conservados através da linguagem escrita, e desse modo a criança descobre o prazer de ler antes mesmo de aprender a ler como fala Martins, (1994):

O que é considerado matéria de leitura, na escola, esta longe de propiciar aprendizados tão vivo e duradouro como o desencadeado pelo cotidiano familiar, pelos colegas e amigos, pelas diversões e atribuições diárias, pelas publicações de caráter popular, pelos diversos meios de comunicação de

massa, enfim, pelo contexto geral em que os leitores e inserem. (Martins, 1994, p.28).

A prática da leitura e da escrita não se limita somente aos textos escritos, pois, o texto impresso, por si só, não expressa significado. O texto simplesmente fornece ao leitor direções para reconstruir o significado do autor. Nessa reconstrução, o leitor se vale de seu conhecimento do sistema de escrita e das convenções da linguagem escrita, de seu conhecimento da língua, das estruturas textuais, conhecimento do assunto, do mundo. Todos esses conhecimentos constituem o que, é conhecido em leitura, de conhecimento prévio.

O contato com esta prática esta bem próxima de nós e da ligação que temos com o mundo que nos cerca, o que demonstra que o processo de leitura precede o contato com os textos propriamente ditos, uma vez que o cotidiano é perpassado por vários textos. Assim diz Martins, (1994, p. 32): “ A leitura vai, portanto além do texto, e começa antes do contato com ele.”

A leitura é uma atividade fundamental que pode ser desenvolvida também pela escola para a formação dos alunos, ela é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida é fora da escola. Cagliari (1995, p. 148) afirma ainda que: “É muito mais importante saber ler do que saber escrever.” Porém, não devemos nos deter a leitura elaborada pela escola, para cumprir a finalidade de um programa, sendo que não conseguimos formar leitores utilizando apenas os materiais escolares. Como diz Kaufman & Rodrigues (1995, p. 45): “Os leitores se formam com leitura de diferentes obras que contêm uma diversidade de textos que servem, como ocorre nos contextos extra-escolares, para uma multiplicidade de propósitos.”

Os textos usados pela escola devem oferecer aos alunos algo voltado para a leitura, um aluno que seja um bom leitor, mesmo não tendo um bom desempenho nas disciplinas, ele terá mais chances no futuro. Tendo o hábito de ler, um aluno provavelmente não encontrará dificuldades de compreensão em qualquer disciplina. Muitos alunos não têm um bom desempenho nas provas, de qualquer matéria, mesmo estudado bastante, sabendo da matéria como deviam, mas, por não compreenderem o texto ou entenderem errado, tiram notas baixas. Não é suficiente estudar a matéria, quando não a compreende. A escola precisa ensinar a ler e entender não só as palavras, mas, também os textos específicos de cada matéria. Assim

concordamos com Cagliari, (1995, p. 149) quando afirma que: “Tudo o que se ensina na escola esta diretamente ligado a leitura e depende dela para se manter e se desenvolver.”

Podemos afirmar que a leitura é uma atividade individual, duas pessoas provavelmente não fazem uma mesma leitura de um texto, mesmo ele sendo científico. A escrita é uma atividade de exteriorizar o pensamento, já é uma atividade de assimilação de conhecimento, de interação, de reflexão. Por isso, a escola que não proporciona a leitura para seus alunos (as) e não lhes dá a chance de ler muito é mais provável ao insucesso e não sabe aproveitar o melhor que tem para oferecer aos seus alunos.

A leitura é um caminho para o conhecimento, para a cultura, ela é reveladora de uma questão social discutida anteriormente e também é a interpretação que o texto fez de sua visão de mundo, costumamos dizer que a leitura é o alimento da alma. Como diz Cagliari, (1995):

Algumas pessoas analfabetas conseguem, às vezes, se sair bem economicamente, mas nem por isso deixam de ser pessoas vazias. Têm riquezas externas, sabem se virar na sociedade, mas são pobres culturalmente, porque só a experiência da vida, por mais rica que possa ser, não é suficiente para fornecer uma cultura sólida e geral. (Cagliari, 1995, p. 150)

Diante da idéia do autor, podemos verificar que às vezes nos referimos à experiência da vida como “leitura do mundo”. A leitura do mundo é uma metáfora, mas, não deixa de ser algo tão importante para cada um quanto a própria filosofia de vida, no entanto, não é suficiente para que deixemos de ser “pobres” de conhecimento.

A leitura é, então, uma decifração e uma decodificação. O leitor inicialmente deverá decifrar a escrita, depois entender a linguagem encontrada, em seguida decodificar todas as implicações que o texto tem e, finalmente, refletir sobre isso e formar o seu próprio conhecimento e opinião a respeito do que leu. Deste modo, a leitura sem decifração não funciona adequadamente, assim como, a decodificação e demais componentes referentes à interpretação, se torna estéril e sem grande interesse.

Ressaltamos anteriormente que o leitor constrói o significado do texto, mas, não é que o texto em si não tenha significado ou sentido. O significado que um escrito tem para o leitor não é a

tradução ou réplica do significado que o autor quis lhe dar, mas uma construção que envolve o texto, os conhecimentos prévios que o leitor aborda e seus objetivos. Assim, diz Solé, (1998):

O fato de que, com exceção de informações muito determinadas, a leitura sempre envolve a compreensão do texto escrito. Isto, que hoje nos parece óbvio, nem sempre foi claramente aceito nas diversas definições que foram emergindo ao longo da história. (Solé, 1998, p. 23):

Entende-se nessa perspectiva que a leitura é o processo mediante o qual se compreende a linguagem escrita, tanto o texto, sua forma e conteúdo, como o leitor, suas expectativas e conhecimentos prévios. A variedade de textos é grande, afetando aos leitores, seus objetivos, conhecimentos e experiências prévias. São textos diferentes, assim como, possibilidades e limitações para a transmissão da informação que esta escrita. Assim, as estruturas do texto impõem restrições a forma em que se organiza a informação escrita, que o obriga a conhecê-la, para que possamos compreender a informação de forma adequada.

Para ler necessitamos, simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificação, como já afirmamos apontar ao texto nossos objetivos, idéias e experiências prévias; precisamos nos envolver em um processo de previsão e inferência contínua que se apóia na informação proporcionada pelo texto e na própria bagagem e em um processo que permita encontrar a evidência ou rejeitar as previsões e inferências.

A perspectiva interativa do processo de leitura pressupõe uma síntese e uma integração de outros enfoques que foram elaborados ao longo da história para explicar tal processo. Os pesquisadores consideram as diferentes explicações podem ser agrupadas em torno dos modelos hierárquicos ascendentes (bottom up) e descendentes (top down).

O modelo ascendente que o leitor, perante o texto, processa seus elementos começando pelas letras, continuando com as palavras, frases... em um processo seqüencial e hierárquico que leva a compreensão do texto. As propostas de ensino baseadas nele atribuem grande importância às habilidades de decodificação, pois consideram que o leitor pode compreender o texto porque pode decodificá-lo totalmente. Este modelo é centrado no texto, não pode explicar fenômenos tão correntes como o fato de que inferimos informações, o fato de ler não perceber determinados erros e o de que possamos compreender um texto sem necessariamente entender sua totalidade cada um de seus elementos.

O segundo modelo, se contrapõe ao modelo ascendente, pois o leitor não precede letra por letra, usa seu conhecimento prévio e seus recursos cognitivos para estabelecer antecipação sobre o texto. Quanto mais informação possuir em leitor sobre o texto que vai ler, menos precisará se “fixar” nele para construir uma interpretação. Assim, o processo de leitura também é sequencial e hierárquico, mas descendente, a partir das hipóteses e antecipações prévias, o texto é processado para unificação. Neste modelo as propostas de ensino enfatizam o reconhecimento global das palavras em detrimento das habilidades de decodificação, que nas concepções mais radicais são consideradas perniciosas para a leitura eficaz.

Podemos verificar que o modelo interativo do processo de leitura não centra-se apenas no texto ou no leitor, embora atribua grande importância ao uso que faz dos seus conhecimentos prévios para a compreensão do texto. Nessa perspectiva Solé, (1998), descreve o processo de leitura:

Quando o leitor se situa perante o texto, os elementos que o compõem geram nele expectativas em diferentes níveis de maneira que a informação que se processa em cada um deles funciona com input para o nível seguinte: assim, através de um processo ascendente, a informação se propaga para níveis mais elevados. Mas simultaneamente, visto que o texto gera expectativas em nível semântico, tais expectativas guiam a leitura e buscam sua verificação em indicadores de nível inferior através de um processo descendente. (Solé, 1998, p. 24)

Deste modo, o leitor utiliza seu conhecimento do mundo e ao mesmo tempo seu conhecimento do texto para construir uma interpretação sobre o escrito, Já as propostas de ensino enfatizam a necessidade de que os alunos aprendam a processar o texto e seus diferentes elementos, assim como as estratégias que tornarão possíveis sua compreensão. Para ler, é necessário dominar as habilidades de decodificação e aprender as distintas estratégias que levam a compreensão. O leitor deve ser um processador ativo do texto, e a leitura será um processo constante de emissão da verificação de hipóteses que levam à construção da compreensão do texto e do controle desta compreensão, de comprovação de que a compreensão realmente ocorre.

CAPÍTULO II

2. Metodologia e materiais de leitura

Ao pensarmos em leitura nos vem a mente o processo de alfabetização, pois, relacionamos o significado de alfabetização ao domínio dos procedimentos de leitura e escrita, mas, esta definição é muito restrita.

Compreendemos que a alfabetização é um processo do qual as pessoas aprendem a ler e escrever, porém estes procedimentos vão mais além de certas técnicas de translação da linguagem oral para a linguagem escrita. Neste sentido concordamos com Solé, (1998, p. 50): “O domínio da leitura e da escrita pressupõe o aumento do domínio do domínio da linguagem oral, da consciência metalingüística (isto é, da capacidade de manipulação e refletir intencionalmente sobre a linguagem) e repercute diretamente nos processos cognitivos (relativo ao conhecimento) envolvidos nas tarefas que enfrentamos.”

Assim, podemos entender que alfabetização é o domínio da língua falada e escrita, mas também da leitura. Desta forma uma pessoa alfabetizada tem a capacidade de falar, ler e escrever com outra pessoa, isto implica aprender a falar, ler e escrever de forma competente.

A linguagem oral se desenvolve de forma natural e a linguagem escrita requer dois processos, mas, em ambos os casos é necessário a presença de um adulto, de um meio social, que ajude a criança em um processo de aprendizagem que ocorre na escola, ou informal, como no caso da família.

No processo da leitura, é fundamental a aprendizagem das habilidades de decodificação, pois, para ler qualquer leitor precisa ter acesso ao texto cuja leitura transformou-se em objeto. Este possui uma série de características, como um sistema de símbolos, códigos. Para ter acesso ao texto, é preciso ter acesso ao seu código.

Quando nos referimos as habilidades de decodificação de crianças que aprendem a ler, a autonomia pessoal é importante para compreendermos tais habilidades. Estas quando ainda não dominam a leitura, tem contato com o sistema da língua escrita e podem ser ajudados

pelos adultos para compreendê-lo. Assim facilitar o acesso ao código às crianças é facilitar-lhes estratégias autônomas de exploração do mundo escrito.

Podemos afirmar que ler não é decodificar, mas para ler é preciso saber decodificar. Decodificar pressupõe aprender as correspondências que existem entre os sons da linguagem e os signos ou os conjuntos de signos gráficos que os representam. E as dificuldades implícitas no fato de isolar e identificar os sons da linguagem, será um dos primeiros aspectos que discutiremos.

Embora os sons sejam as unidades básicas da linguagem, isolá-los e identificá-los não é fácil, pois não existe como tais na emissão da fala ou não existem todos. Quando as crianças aprendem a ler e escrever, elas usam bem o lado comunicativo da linguagem, assim como, utilizam as estruturas lingüísticas. Tais habilidades são fundamentais para a aprendizagem da leitura e da escrita. Mas, quando se trata de aprender o código, a criança além de usar bem a linguagem, necessita poder manipulá-lo e refletir sobre ele, isto o permite pensar em uma palavra, em um som, isolá-lo e identificá-lo, assim como outras coisas. A criança tem que desenvolver uma certa consciência metalingüística para compreender o segredo do código.

Quando falamos, geralmente interessamos mais no conteúdo do que a linguagem como forma. As crianças prestam atenção às sua linguagem e a linguagem dos outros, desde cedo. Elas desde pequenas não são apenas hábeis usuárias da linguagem, mas também podem efetuar reflexões espontâneas conscientes sobre ela. O domínio crescente da linguagem escrita promove o desenvolvimento da consciência metalingüística, que por sua vez é necessário para a competência da leitura e da escrita. Assim, concordamos com Solé, (1998, p. 53) quando afirma: “Consciência metalingüística e alfabetização estão intimamente relacionadas e podemos dizer que cada uma delas se beneficia com o outro processo de aprendizagem.”

Podemos compreender então que a medida em que a consciência metalingüística vai se desenvolvendo, poderão se desenvolver também outras formas, mais deliberadas e controladas, que possibilitarão o acesso ao conhecimento da estrutura da linguagem e do seu sistema de representação alfabético.

Quando na escola a criança se depara com a linguagem escrita, geralmente já é algo conhecido para ela. O escrito transmite uma mensagem, uma informação a leitura capacita para ter acesso a essa linguagem. No processo de aquisição deste conhecimento, as experiências de leitura da criança junto com a família desempenham uma função importantíssima como evidência Solé, (1998):

A importância da leitura feita por outros reside em que contribui para familiarizar a criança como estrutura do texto escrito e com sua linguagem, cujas características de formalidade e descontextualização as distinguem da oral. Por outro lado, a criança pode assistir muito precocemente ao modelo de um especialista lendar pode participar de diversas formas da tarefa da leitura. Assim constrói-se paulativamente a idéia de que o escrito diz coisas que se divertido e agradável conhecê-las, isto é, saber ler. (Solé, 1998, p. 54)

Assim, entendemos que o ambiente familiar é essencial para a leitura, a existência deste ambiente onde se promova o uso de livros e da disposição dos pais a adquiri-los e a ler, os fatos de lerem para seus filhos relatos e histórias e a conversa posterior em torno dos mesmos parecem ter uma influência decisiva no desenvolvimento posterior destes com a leitura. Infelizmente esta não é uma realidade de todas as crianças, encontramos muitos pais que são analfabetos ou mesmo não incentivam as crianças com um ambiente familiar ao que citamos, e isto se reflete no desenvolvimento deste processo na criança.

A consciência fonológica surge do interesse pela língua falada e por algumas de suas propriedades, como a rima, que leva a criança a explorar semelhanças e diferenças entre palavra e partes das palavras e com o auxílio de um adulto, pode estabelecer a diferença entre início e a rima e ter acesso aos fonemas individuais. Em seguida, pode ser levado a fixar a atenção em outros fonemas das palavras mediante tarefas e segmentação fonêmica.

A consciência que a criança tem das palavras, da sua existência e características independentes do objeto que representa é o próprio fato de considerar palavras as que não representam um objeto concreto, aumentará quando ela começar a manejar um texto, substituindo assim algumas crenças sobre o sistema de representação por outras que estejam mais de acordo com a realidade. A criança perceberá que poderá dizer a mesma coisa de muitas formas, e que existem maneiras mais adequadas de dizê-lo em função do contexto concreto.

É necessário que os adultos ensinem e tornem acessível a linguagem escrita para as crianças, isso implica observá-las e ajudá-las a irem além de onde se encontram, assim, teremos um usuário competente da linguagem em todos os seus segmentos, repercutindo no seu desenvolvimento de modo geral.

Quando lemos, usamos várias estratégias, assim poderemos descobrir o que o autor esta dando significado. Usamos todas as pistas que o texto oferece na busca deste significado para fazer hipóteses sobre o que lemos. Essas hipóteses ou predições são geralmente inconscientes.

As estratégias de leituras são procedimentos que envolvem o cognitivo (conhecimento) e o metacognitivo (capacidade de conhecer o próprio conhecimento, de pensar sobre nossa atuação, de planejá-la), no ensino elas não podem ser tratadas como técnicas precisas. O que caracteriza a mentalidade estratégica é a sua capacidade de representar e analisar os problemas e a flexibilidade para encontrar soluções. Ao ensinar estas estratégias devemos considerar a construção e o uso de procedimentos de tipos geral que possam ser transmitidos sem maiores dificuldades para situações de leituras múltiplas e variada. Estas permitem avançar o custo da ação do leitor, embora não a prescrevam totalmente: caracterizam-se porque não estão sujeitas de forma exclusiva a um tipo de conteúdo ou a um tipo de texto: envolvem os componentes metacognitivos de controle sobre a própria compreensão.

Consideramos importante ensinar as estratégias de leitura, pois queremos formar leitores autônomos, capazes de ler textos diversos, esses podem ser difíceis, criativos ou mal escritos. Como há uma grande diversidade de objetivos, assim a como sua estrutura e também sua possibilidade de compreensão. Então concordamos com Solé, (1998) quando afirma:

Formar leitores autônomos também significa formar leitores capazes de aprender a partir dos textos. Para isso, quem lê deve ser capaz de interrogar-se sobre a sua própria compreensão, estabelecer relações entre o que lê e o que faz parte de seu acervo pessoal, questionar seu conhecimento e modificá-lo, estabelecer generalizações que permitem transmitir o que foi aprendido para outros contextos diferentes. (Solé, 1998, p. 72)

Compreendemos assim, que as estratégias nos auxiliam nas atividades realizadas, onde aprendemos a partir delas, como se organizássemos o conhecimento. Usamos vários critérios para integrar o que estamos lendo aos esquemas de conhecimento. Esses critérios, dentre

ouros fatores, dependem do propósito para a leitura e do sistema de valores, da nossa visão de mundo.

Podemos associar as estratégias de leitura com a concepção construtivista, visto que, da concepção construtivista do ensino e da aprendizagem escolar, esta é entendida como uma ajuda proporcionada ao aluno para que ele possa construir seus significados, diante disto podemos descrever três idéias: a primeira considera a educação como um processo de construção conjunta, o professor e seus alunos podem compartilhar significados mais amplos e complexos e dominar procedimentos com maior precisão e rigor; na segunda, o professor exerce uma função de guia, interagindo como um elo entre a construção socialmente estabelecida e que se traduzem nos objetos e conteúdos prescritos pelos currículos em vigor em um determinado momento; a terceira idéia faz uma comparação com “adaimes”, que se localizam um pouco acima do edifício que contribuem para construí-lo, fazemos esta comparação com a educação para explicar o papel do ensino com relação à aprendizagem do aluno, pois os desafios do ensino devem estar um pouco além para que a criança já seja capaz de resolver. A idéia do bom ensino não é apenas o que se situa em pouco acima do nível atual do aluno, mas o que garante a interiorização do que foi ensinado e seu uso autônomo.

É necessário ensinar uma série de estratégias que podem contribuir para a compreensão da leitura, então, deve ser proposto um ensino em progressão ao longo de três etapas: a etapa do modelo, neste o professor serve de modelo para seus alunos mediante sua prática de leitura; é realizada pelo professor uma leitura em voz alta e após faz comentários sobre os processos contidos e assim, compreendidos no texto, dúvidas dentre outros; a participação do aluno, onde por intermédio do professor, o aluno participa do uso de estratégias, que vão lhes facilitar a compreender que podem ocorrer erros, no entanto, isto não deve ser um impedimento. As realizações melhores e mais desejáveis dos alunos podem ir se modificando com a ajuda adequada do professor. A idéia de construção e de participação guiada adquire mais significação; e a leitura silenciosa, onde o aluno (a) realiza sozinho (a) a leitura que antes tinha o auxílio do professor, nesta etapa podem ser oferecidas ajudas de várias maneiras para o aluno.

A partir de uma visão ampla do que é o processo de leitura mediante o ensino, com a utilização de algumas propostas citadas e de outras, devemos conseguir que os alunos se transformem em leitores ativos e autônomos, que aprendam de forma significativa as

estratégias responsáveis por uma leitura eficaz e que são capazes de utilizá-las em vários contextos.

No entanto, alguns alunos são instruídos em tais estratégias mas, têm vários problemas para generalizar e transferir os conhecimentos aprendidos, isto ocorre porque nos programas tradicionais o aluno é um participante passivo que responde ao ensino e atua sem compreender seu sentido, onde esta aprendizagem sem algum significado, não será útil para diversos contextos em que estamos inseridos e suas respectivas necessidades.

Propomos hoje uma educação pautada em um modelo de ensino recíproco, em que o aluno assuma em papel ativo, onde a compreensão é dirigida pelos diversos participantes. Assim, concordamos com Solé, (1998) quando diz:

No modelo de ensino recíproco, o professor assume algumas tarefas essenciais. No início, oferece um modelo especializado dos alunos, que vêem como ele atua para solucionar determinados problemas. Em segundo lugar, ajuda a manter os objetivos da tarefa, centrando a discursão no texto e garantindo o uso a aplicação das estratégias que tenta ensinar. Por último, supervisiona e corrige os alunos que dirigem a discursão, em um processo cujo objetivo é fazer com que estes assumam a responsabilidade total e o controle correspondente. (Solé, 1998, p. 80)

Devemos buscar situações mais adequadas para os alunos poderem construir seu conhecimento e aplicá-lo em contextos diversos. Não adianta uma educação passiva, pois não conseguimos alcançar os propósitos da educação. Não existem métodos de ensino que garantam o sucesso da educação, mas considerando a diversidade podemos ajudar aos alunos a construírem o conhecimento.

Entendemos que a leitura é toda manifestação lingüística que uma pessoa realiza para recuperar um pensamento formulado por outra e assim, colocado em forma de escrita. Então, a leitura pode ser ouvida, vista ou falada. Um texto pode ser decifrado e decodificado por alguém, por meios das histórias ou contos, mas em trabalhos profissionais estas situações não acontecem muito. Geralmente não lemos em voz alta fora da escola, mas, quando essa leitura ocorre algumas pessoas se envergonham, pois, a leitura falada devido aos preconceitos lingüísticos na sociedade, é vista como realização plena do dialeto-padrão no seu nível mais formal. Também associada ao fato de as pessoas saberem que em sua fala é a leitura particular dizem as palavras com características dialetais que são mal vistas pelo dialeto-padrão, os inibe

ao lerem, porque tem vergonha do próprio dialeto, não porque não sabe ler, um preconceito que a escola nunca desfez.

A leitura oral é realizada não somente por quem lê, mas pode ser dirigida a outras pessoas, as que ouvem o texto. Assim, existe uma diferença entre ouvir a fala e ouvir a leitura, a fala é produzida espontaneamente e a leitura baseada num texto escrito, tem características próprias diferentes da fala espontânea. Mas, foneticamente as duas atividades são semelhantes, com relação ao processamento, sendo que a única diferença esta no canal pelo qual a leitura é conduzida do texto ao cérebro.

A leitura falada é pouco usada, a cultura durante muito tempo se constituiu de livros escritos e da leitura silenciosa é a mais adequada. Contudo, nem sempre a leitura visual silenciosa é a mais adequada para certos textos, que foram feitos com intenção de serem lidos oralmente ou ouvidos.

A leitura visual silenciosa é bem comum entre as pessoas, ela não inibe o leitor por questões lingüísticas, permitindo uma velocidade de leitura maior, como também parar a leitura onde quiser ou recuperar passagens já lidas. Assim, algumas pessoas consideram a leitura silenciosa mais provável para realizar uma reflexão sobre o texto. Vemos hoje que a escola direciona seus alunos ao uso da leitura visual silenciosa, individual para a reflexão do que a leitura oral pública.

A leitura oral falada ou ouvida, processa-se foneticamente de maneira semelhante à percepção auditiva da fala. A leitura visual, falada ou silenciosa, além de pôr em funcionamento o mesmo mecanismo de percepção auditiva da falas para a decodificação do texto, é necessário colocar em ação os mecanismo de decifração da escrita.

Podemos citar também um tipo de leitura que consiste em ler alto, esta leitura não permite acompanhar os significantes do texto, mesmo se a escrita é alfabética, mas procura identificar idéias-chave e que se diz sobre elas. Esse tipo de leitura é mais apropriada nos sistemas de escrita de base ideológica. Apresenta como vantagem a rapidez com que se pode ler determinados textos, como relatórios, teses, trabalhos acadêmicos e outros.

Nos deparamos com uma diversidade de textos e, por isso, a escola não pode se limitar a um ou dois tipos de textos. É importante distinguir entre os textos que usamos que eles são diferentes, pois não é a mesma coisa ler um romance e um relatório, como também, o leitor desperta diferentes expectativas diante de diferentes escritos.

Quando falamos em tipos de textos ou superestruturas propomos que atuem como esquemas aos quais os discursos escritos se adaptem. Assim, o autor que quer narrar um acontecimento adapte-se estrutura formal da narração, utilizando sua criatividade, modificando ou alterando determinados aspectos, mas sem comprometer sua identidade com esses tipos de texto. As superestruturas ou tipos de textos funcionam como esquemas de interpretação para o leitor.

É interessante que os alunos possam ler diferentes tipos de textos na escola, assim, poderão conhecer e se acostumarem com as diversas superestruturas, sendo a leitura, um processo contínuo de elaboração de expectativas e previsões que vão sendo verificadas.

Podemos citar como tipos de textos ou superestruturas a seguinte classificação:

- Narrativa, refere-se a um texto que pressupõe um desenvolvimento cronológico e que aspira, explica alguns acontecimentos em uma determinada ordem, alguns destes textos seguem uma organização: estado inicial, complicação, ação, resolução, estado final. Outros textos narrativos introduzem uma estrutura narrativa que podemos citar: o conto, a lenda, romance, dentre outros;
- Descritivo, neste tipo de texto intenciona-se descrever um objeto ou fenômeno, mediante comparação e outras técnicas. Podemos encontrar o texto descritivo na literatura, nos dicionários, nos guias turísticos, nos inventários, ect.;
- Expositivo, está relacionado à análise e síntese de representações conceituais, o texto expositivo explica determinados fenômenos ou proporciona informações sobre estes. Encontramos o texto expositivo em livros de textos e em manuais;
- Instutivo-indutivo, podemos agrupar este tipo de texto aos textos que permitem induzir à ação do leitor, como: palavras de ordem, instruções de montagem ou de uso e outras.

Encontramos ainda outros tipos de textos que tratam de previsões, que podem ser horóscopos ou boletins meteorológicos, os textos conversacionais ou dialogais e do tipo poético, como cação, poesia, prosa, provérbio, etc. Temos também o texto informativo ou jornalístico, constituído pelas notícias da mídia escrita, é uma derivação do texto narrativo.

É interessante que professores e alunos saibam reconhecer as diferentes estruturas textuais ou superestruturas, pois a estrutura do texto oferece indicadores essenciais que permitem antecipar a informação que contém e que facilitam a sua interpretação. Devemos ficar atentos à estrutura do texto, pois nos permite melhorar a compreensão do que estamos lendo. Assim, concordamos com Solé, (1998):

Não se trata tanto de ensinar que isto é uma narração e aquilo um texto comparativo, mas de ensinar o que caracteriza cada um destes textos, mostrar as pistas que nos conduzem à sua melhor compreensão e fazer com que o leitor adquira consciência de que pode utilizar as mesmas chaves que o autor usou para formar um significado, porém desta vez para interpreta-lo. Fomentar as estratégias de escrita a fim de redigir textos diferentes pode ser, sem qualquer dúvida, uma das melhores formas de contribuir com este objetivo. (Solé, 1998, p. 86):

Devemos assim, trabalhar diversos tipos de textos, assim estamos aprendendo a ler e lendo construímos um aprendizado. A escola não pode dedicar-se a uma tipologia em particular, onde os alunos aprender a ler e interpretar um tipo de texto apenas, esta prática esta bastante difundida. A diversificação dos textos, assim como, a leitura e escrita são meios eficazes para serem utilizados na aprendizagem, onde o realismo pedagógico e a adequação dos meios disponíveis para os alunos são aspectos importantes para que eles alcancem os objetivos previstos.

2.1. PCN's e leitura

Um dos desafios enfrentados pela escola é o de fazer com que os alunos aprendam a ler. A aquisição da leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas. Temos ainda um grande número de pessoas que são analfabetas funcionais, pessoas que, apesar de terem freqüentado a escola e tendo aprendido algo sobre ler e escrever, não consegue utilizar de forma autônoma a leitura e a escrita nas relações sociais do cotidiano.

O domínio da leitura é fundamental para a participação social efetiva, por meio dele temos acesso às informações, expressamos e defendemos pontos de vistas. Por isso, devemos como educadores ao ensinar fazer com responsabilidade, garantindo a todos os alunos o acesso a educação de qualidade, como também o processo da leitura, saberes necessários para o exercício da cidadania.

Neste sentido, pretendemos discutir agora sobre os PCN's de Língua Portuguesa, nele tentaremos apontar caminhos para que a escola possa desenvolver um aprendizado sólido, cujo objetivo está centrado na educação de qualidade, onde os alunos sejam capazes de dominar os conhecimentos de que necessitam para se tornarem pessoas conscientes e críticas na sociedade.

O domínio da língua é importante para a participação social, por meio dela nos comunicamos, temos acesso à informações, é possível construir visões de mundo, produzir conhecimentos. Então atribuímos à escola a função e responsabilidade de garantir aos alunos através de projetos educativos acesso aos saberes lingüísticos necessários para o exercício da cidadania.

A linguagem é um sistema de signos históricos e sociais que nos possibilita dar significado ao mundo e realidade. Aprendê-las é aprender não só as palavras, mas seus significados culturais, e os modos que as pessoas do meio cultural entendem e interpretam a realidade a si mesma. Produzir linguagem significa produzir discursos, então, é dizer alguma coisa para alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico. Assim, o discurso quando produzido, manifesta-se lingüisticamente por meio de textos, que podem ser oral ou escrito, que formem um significado.

O uso da linguagem bem como seu valor é determinado segundo as demandas sociais de cada momento. Nos dias atuais são exigidos níveis de leitura diferentes e superiores as demandas sócias de algum tempo atrás e a escola como local de acesso ao conhecimento também deve acompanhar tal exigência, isto implica uma revisão das práticas de ensino, possibilitando aos alunos uma aprendizagem a partir da diversidade de textos que circulam socialmente. Infelizmente ainda encontramos escolas com estas práticas que são bem arraigadas, e com isso, enfrentamos sérios problemas, como mostra os PCN's (2001);

Em consequência, o aluno não se torna capaz de utilizar textos cuja finalidade seja compreender um conceito, apresentar uma informação nova, descrever um problema, comparar diferentes pontos de vista, argumentar a favor ou contra uma determinada hipótese ou teoria. (PCN's, 2001, p.30)

Diante disto, é necessário reproduzir uma educação verdadeiramente comprometida com o exercício da cidadania, criando condições para o desenvolvimento da capacidade de uso eficaz da linguagem que satisfaça as necessidades pessoais e sociais. A prática da leitura favorece a reflexão crítica e imaginária, o exercício de formas de pensamento numa sociedade letrada. Também permite o acesso à informação escrita com autonomia, uma boa condição para o aprendizado.

Através do ensino, espera-se que os alunos desenvolvam competências com relação à linguagem, possibilitando-os a resolverem problemas do cotidiano. Assim, enfocamos alguns objetivos do ensino de Língua Portuguesa proposto pelos PCN's: expandir o uso da linguagem, de modo que o aluno seja capaz de produzir textos orais ou escritos, que sejam coerentes, coesos; utilizar diferentes registros, adequando-os às circunstâncias; conhecer e respeitar as variedades lingüísticas do português falado; compreender textos orais e escritos, interpretando-os corretamente e inferindo intenções de quem os produz; valorizar a leitura como fonte de informação e podendo recorrer aos materiais mediante objetivos; utilizar a linguagem como instrumento de aprendizagem; valer-se da linguagem para melhorar a qualidade de suas relações pessoais; utilizar os conhecimentos adquiridos para expandirem o uso da linguagem e a capacidade de análise crítica; conhecer a analisar criticamente os usos da língua como valores e preconceitos de classe, crença, gênero ou etnia.

É necessário compreendermos que a leitura e escrita são práticas complementares, que se relacionam, que se modificam mutuamente, a escrita transforma a fala e a fala influencia a escrita. São práticas que permitem aos alunos construir seu conhecimento sobre os diferentes gêneros, sobre os procedimentos mais adequados para ler e escrever e sobre as circunstâncias de uso da escrita.

Assim, os PCN's (2001) descreve:

A leitura na escola tem sido, fundamentalmente, um objeto de ensino. Para que possa construir também objeto de aprendizagem, é necessário que faça sentido para o aluno, isto é, a atividade de leitura de responder, do seu ponto de vista, a objetivos de realização imediata. (PCN's, 2001, p.54)

Entendemos então, que é necessário organizar o trabalho educativo em virtude do objetivo que pretendemos formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais eles se deparam, principalmente quando os alunos não têm contato com os materiais de leitura fora da escola, nem com leitores. Visto que esta oportunidade de acesso a materiais de leitura de qualidade pode ser a única, é importante oferecer aos alunos vários tipos de textos.

Dentro do conteúdo escolar, os PCN's de Língua Portuguesa (2001) sugerem que:

É preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial da leitura. A principal delas é a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação. Por conta desta concepção equivocada a escola vem produzindo grande quantidade de "leitores" capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes problemas para compreender o que tentam ler. (PCN's, 2001, p.55)

Esta é uma visão empobrecida da leitura, é necessário oferecer ao aluno várias oportunidades de aprender a ler usando os procedimentos que os bons leitores usam. O professor pode apontar subsídios para que o aluno interaja com o texto, evidenciando problemas, identificando o objetivo do escrito, constatando fatos, criticando informações. Uma prática constante de leitura, trabalhando com diversos objetivos, modalidades e textos que caracterizam a prática da leitura de fato.

Formar leitores não é uma tarefa fácil de fato, no entanto, não é impossível. Mas requer condições que favoreçam esta prática, os recursos materiais não são suficientes, pois o uso que fazemos dos livros e destes materiais é importante para o desenvolvimento da prática e do prazer pela leitura. Desta forma os PCN's sugerem algumas condições: uma boa biblioteca na escola, dispor de um cerco de leitura na sala, organizar momentos de leituras, planejar nas atividades diárias de modo que enfoque a importância da leitura em todas as disciplinas, possibilitar aos alunos a escolha de suas leituras, garantindo que o momento de leitura siga sem interrupções por parte do professor, emprestar livros da escola aos alunos, optar pela

variedade de títulos ao sugerir alguma leitura aos alunos,. Envolver o conjunto da escola para construir uma política de formação de leitores.

Nos PCN's apresentam também propostas didáticas, algumas sugestões para realizar o trabalho com o aluno, servindo também como referência para a construção de outras propostas.

Leitura diária, onde diariamente a leitura é realizada na escola, podendo ser silenciosa, em voz alta, individual ou em grupo, ou através da escuta de alguém que lê.

A leitura colaborativa, onde o professor lê um texto com a classe e questiona os alunos sobre as pista lingüísticas, é uma boa estratégia para interrogar o texto, fazer a diferenciação entre realidade e ficção, identificar elementos discriminatórios e recursos persuasivos, a interpretação de sentido figurado, a inferência sobre a intencionalidade do autor.

Projetos de leitura, o objetivo é compartilhado por todos os envolvidos, eles permitem dispor do tempo de uma forma flexível. A linguagem escrita, leitura e produção de textos se inter-relacionam, pois, geralmente envolvem tarefas que articulam estes diferentes conteúdos. Os projetos de leitura são excelentes situações para contextualizar a necessidade de ler, como também a leitura oral e suas convenções.

Atividades seqüenciais de leitura caracterizam-se em promover a leitura, podendo eleger um gênero específico, um autor ou um tema. São situações didáticas onde são desenvolvidas atitudes e procedimentos a partir da prática da leitura.

Atividades permanentes de leitura, são situações voltadas para a formação de atividades que incentivam a praticada leitura também.. Podem ser realizados por semana ou por quinzena, os alunos lêem o material escolhido em casa, lê novamente em sala e realiza alguns comentários acerca do que leu.

Leitura feita pelo professor, além das atividades realizadas pelos alunos, o professor também pode ler livros em capítulos, por exemplo. Este tipo de leitura não é muito usada em sala, mas é bastante incentivadora para os alunos. É interessante realizar esta leitura pois amplia a visão de mundo, estimula o desejo da leitura, possibilita a vivência de emoções, fantasia e

imaginação, permite a compreensão de que escreve para ser lido, expandir o conhecimento a cerca da leitura, aproximar o leitor dos textos, possibilitar produções orais, escritas e em outras linguagens, informar como escrever, ensinar a estudar, possibilitar a compreensão da relação entre fala e a escrita e a estabilização das formas ortográficas.

Podemos considerar um dos meios mais importantes na escola para a consecução de novas aprendizagens, mas sempre será necessário insistir em seu ensino, a medida que se avança na escolaridade continuamos reservando mais tempos para a leitura, pois as exigências aumentam. Geralmente a leitura segue caminhos dentro da escola, onde os alunos irão melhorando sua habilidades de leitura e adquirindo o hábito da leitura, mas também os alunos devem utiliza-la para ter acesso a novos conteúdos de aprendizagem nas diversas áreas do currículo escolar.

Contudo, nem sempre os objetivos traçados ao alcançados, e a solução não poder provir de enfoques reducionistas que busquem em um só método a alternativa correta para enfrentar as dificuldades que nos deparamos no dia-a-dia. Muitos educadores, têm experimentado estratégias, métodos, materiais para promover a leitura, mas não exista apenas uma resposta, que funciona em determinada situação, pode não ser útil em outra.

2.2. O professor e os processos de aquisição de leitura

A leitura é uma prática social que envolve atitudes gestos e habilidades, como já vimos anteriormente, estas são mobilizadas pelo leitor, tanto no ato de leitura propriamente dito, como no que antecede a leitura e no que decorre dela. Assim, o indivíduo demonstra conhecimentos de leitura quando sabe a função de um jornal, quando se informa sobre o que tem sido publicado, quando localiza pontos de acesso público e privado aos textos impressos, quando identifica pontos de compra de livros. Depois que um leitor realiza a leitura, os textos que leu vão determinar suas futuras escolhas de leitura e servirão de contraponto para outras leituras.

Atitudes como gostar de ler e interessar-se pela leitura e pelos livros são construídas, para algumas pessoas, no espaço familiar e em outras esferas de convivência em que a escrita circula. Mas, para outros, é, sobretudo no espaço da escola que este gosto pode ser

incentivado, onde professores e escola representam um papel importante para que se desenvolva o hábito da leitura nos alunos.

Em face disto, concordamos com Martins, (1994) onde ela diz:

A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhes apresenta. (Martins, 1994, p. 34)

Assim, é necessário que o educador seja um mediador de leitura, onde crie condições de leitura não refere-se apenas alfabetizar ou propiciar acesso aos livros, mas ajudar aos alunos a reconhecer o sentido da leitura, instrumento liberador e possível de ser usufruído por todos, não apenas pelos letrados. Para isso, é importante que a criança perceba a leitura como um ato prazeroso e necessário e que tenha os pais, professores e escola como modelos. Nessa perspectiva, não é necessário que a criança espere aprender a ler para ter acesso ao prazer da leitura, ela pode acompanhar as leituras feitas na escola, pode manusear livros e outros impressos tentando “ler” ou adivinhar o que está escrito.

A prática da leitura não se limita somente aos textos escritos, podemos realizar uma leitura e dar sentido a um quadro, uma paisagem, a sons, imagens, coisas, situações reais ou imaginárias. O contato com esta prática está bem próximo de nós e da ligação que temos com o mundo que nos cerca, o que demonstra que o processo de leitura precede o contato com os textos propriamente ditos, uma vez que o nosso cotidiano é permeado por vários textos. Assim diz Martins, (1994, p. 32): “A leitura vai, portanto além do texto, e começa antes do contato com ele.”

Entende-se nessa perspectiva que seja trabalho na escola o contexto dos alunos, que seja aproveitado o conhecimento prévio destes alunos, como já afirmamos anteriormente, para que assim o cotidiano deles possa contribuir para a formação de leitores compreensivos e críticos. Pensando assim, o trabalho com leitura tem também como finalidade a formação de leitores competentes e de pessoas capazes de escrever com eficácia.

Num cenário em que vivemos, cabe ao professor exercer sua autoridade profissional e fazer com que a escola cumpra seu papel que é formar cidadãos atuantes na sociedade, se e como bem sabemos o termo escola é abstrato a competência que é desenvolvida pelos professores, que devem estabelecer uma ligação direta com a aquisição do processo de leitura dentro e fora da sala de aula. É evidente que a leitura feita de um modo crítico só poderá contribuir positivamente na vida do leitor. Hoje, ouvimos muitos comentários que a televisão é campeã em afastar o leitor da leitura, é importante salientar que a televisão oferece tudo pronto, sem deixar espaço para a reflexão, é assustador o tempo que passamos em frente a televisão principalmente as crianças, como evidência Pennac, (1993):

O que me choca, pelo menos a mim é o número de horas passadas, em média por um garoto diante da tevê em comparação às horas de comunicação e extensão na escola. Uma criança passa em média mínima duas horas por dias diante de um aparelho de televisão, oito a dez horas durante o final de semana. (Pennac, 1993, p.26)

Concordamos com o autor que é um exagero o número de horas passadas em frente à uma televisão e soma obrigados a reconhecer a nossa parcela de culpa como educadores, e ainda devemos admitir a nossa falta de leitura que um fator decisivo para o não incremento do valor desta atividade.

É importante voltarmos a lembrar do compromisso dos professores e da família em apoiar e participar do desenvolvimento tanto do cidadão consciente como também do cidadão crítico. Neste sentido concordamos com Foucambert, (1994, p. 5): “A escola precisa de uma reflexão muito mais fundamental, precisa entender que o que é a leitura provocar nos professores e nos pais uma tomada de consciência sobre sua própria prática.”

Inserir-se nas práticas sociais próprios à cultura escrita não é somente orientar os alunos em sala, isso, implica também comportamentos, procedimentos e destrezas típicos de quem vive no mundo da leitura, tais com: movimentar-se numa biblioteca, frequentar livrarias, estar atento aos escritos urbanos, como também adquirir, quando se fazer necessário e quando aparecerem novos usos para a leitura na sociedade, outras formas de ler.

Um exemplo recente de novas práticas ou formas de ler este relacionado ao uso do computador: para inseri-se nesse novo uso, é preciso manusear a máquina e adquirir outros

comportamentos, como buscar informações na internet, participar de bate-papo nos chats, mandar correspondência (e-mails) para diferentes pessoas, entre outras possibilidades.

Essas atitudes e comportamentos não se restringem a um momento específico, nem podem ser consideradas capacidades relativas a uma idade ou ciclo. Constituem componentes de todo o processo de escolarização e são frutos de um trabalho contínuo. Essas capacidades que, introduzidas pelo professor desde o primeiro anos, devem ser trabalhadas sistematicamente e consolidadas durante todo o tempo, considerando-se o gosto e o desenvolvimento cognitivo dos alunos com relação ao material de leitura (histórias, contos, poemas, notícias acessíveis e interessantes, instruções de jogos, etc.)

Ensinar aos alunos a ler e expressar-se de maneira competente é um grande desafio dos professores, nós educadores devemos repensar nossa prática profissional e passar a agir de maneira objetiva e coerente em face dos desequilíbrios e desafios que a realidade apresenta.

CAPÍTULO III

3. Análise dos dados

3.1. Metodologia

No presente trabalho que propomos a pesquisar sobre: Dificuldades dos alunos no processo de aquisição da leitura nos anos iniciais. Desta forma pretendemos buscar informações a cerca de como é o processo de leitura da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Cecília Estolano Meireles, localizada no município de Cajazeiras/PB.

No presente trabalho utilizamos como instrumento para analisar a realidade da escola, onde este é uma prática simples, oferecendo a impossibilidade de generalização de seus dados. Segundo Matos, (2001): “Utilizamos esse procedimento ao selecionarmos apenas um objeto de pesquisa, obtendo grande quantidade de informações sobre o caso escolhido e, conseqüentemente, aprofundando seus aspectos.” (Matos, 2001,p.58)

Utilizamos também a observação participante, onde o pesquisador é um membro sobre a realidade que realizará o estudo, ele passa a fazer parte daquele grupo artificialmente para melhor coletar os dados e os questionários, uma técnica de investigação em que sem a presença do pesquisador, o investigado responde um formulário com questões que devem ser claras e objetivas entregues pessoalmente ou pelo correio, os sujeitos desta pesquisa são os professores e gestores da referida escola, através dos quais obtivemos algumas informações que serão analisadas posteriormente.

Em seguida partimos para a análise dos dados, buscando informações para nos aprofundarmos no tema em questão.

3.2. Análise dos Questionários dos gestores

Além das observações em sala de aula e o estágio, implementamos também como instrumento de coleta de dados a realização de um questionário, que foi entregue a alguns professores das instituição escolar escolhida e a alguns gestores e professores, onde tais questões refletem a

prática de leitura na sala de aula, especificamente as dificuldades nos anos iniciais, analisando separadas professor e gestor.

Iniciamos o questionário com os gestores da referida escola: a diretora e a vice-diretora, ambas possuíam curso superior, uma, Licenciatura em Pedagogia e a outra, em Filosofia e trabalham na educação por cerca de 10 anos.

Logo perguntamos se a escola possuía algum projeto, pois, entendemos que os projetos de leitura são excelentes situações para contextualizar a necessidade de ler, como também a leitura oral e suas potencialidades, as respostas foram positivas, e os que beneficiam a leitura são dois: Rádio recreio e Jornada de leitura, a escola vem trabalhando-os para desenvolver o gosto de alunos na leitura.

Sabemos que a leitura começa antes mesmo dos alunos ingressarem na escola, pois, todo o ambiente familiar, social, cultural e de todas as coisas que nos rodeiam, então, a partir deles começamos a utilizar estes conhecimentos frente a realidade social ou individual, onde podemos dizer que aprendemos a ler observando o mundo.

Diante disto concordamos com Martins (1994, p. 12): “Ninguém ensina ninguém a ler; o aprendizado é, em última instância, solitário, embora se desencadeie e se desenvolva na convivência com os outros e com o mundo.” Então, aprendemos a ler a partir do contexto social, e por isso, temos que valorizá-lo e fazer uso do cotidiano, para que a partir daí criemos as nossas condições de aprendizado.

Partindo deste ponto, perguntamos em seguida as diretoras como a escola trabalha os conhecimentos dos alunos e as respostas foram bem parecidas, pois, ambas responderam que trabalham com atividades diversificadas para valorizá-los, assim, atendendo as dificuldades dos alunos.

A próxima questão foi enfocada os fatores que contribuem para o sucesso educacional daquela instituição escolar, onde obtivemos como resposta o trabalho coletivo e o compromisso do professor bem como experiência adquirida do professor na formação continuada promovida pelo município.

Se quisermos incentivar os alunos para a leitura é importante a escola ou qualquer outro lugar propiciar um ambiente que estabeleça uma ligação entre leitura e alunos e foi nesse sentido que concluímos nossa pesquisa com os gestores, perguntando-os se a escola possuía alguns lugar direcionado para a leitura e ambas as respostas foi que havia uma sala de leitura, multiuso, pois, funciona também como sala de aula.

Infelizmente não é possível estimular a leitura, sem haver antes um ambiente propício, já existe dificuldades em realizar um bom trabalho com este tema e sem uma atmosfera que influencie o aluno a ler fica mais difícil ainda, neste sentido concordamos com Martins (1994) p.84: “Cada leitor tem que descobrir, cariar uma técnica própria para aprimorar seu desempenho. Auxiliando-o entre fatores imediatos e externos, desde o ambiente e o tempo disponível até o material de apóio.”

Com um ambiente direcionado para a leitura a criança entra em contato com vários objetos de leitura, e aqueles que mais lhe chamarem a atenção são conservados e desse modo a criança descobre o prazer de ler.

3.3. Análise dos questionários dos professores

Continuamos a pesquisa realizando agora um questionário para professores que ensinam nos anos iniciais do ensino fundamental, foram três, dentre elas uma era formada em Letras e duas em Pedagogia e todas licenciavam há mais de 20 anos.

Iniciamos o nosso questionário perguntando aos professores qual o melhor ambiente na sala de aula, que favoreça o processo da aprendizagem, e as respostas foram bem parecidas, uma afirmou que o interesse do aluno em aprender, outra se o ambiente da sala for harmonioso e descontraído e a outra professora afirmou que a variedade de tarefas, para que não caia na rotina as aulas.

Concordamos com as professoras, mas, gostaríamos de acrescentar que é imprescindível a disponibilidade da vários recursos, assim, usaremos vários níveis meios e os alunos não ficaram dispersos nem desinteressados a lerem. Assim afirma Bacelar&Cunha (2000, p. 54) : “Os recursos de ensino devem fazer dos alunos bons leitores, que sintam prazer e gosto pela leitura e, se possível, que se apaixonem por ela.”

É importante criar um ambiente alfabetizador, sendo ele na escola ou na família, um espaço com livros, textos, jornais, revistas, num mundo de escritos que circulam socialmente. Quando usamos todos estes recursos a todo o momento, criamos um círculo de idéias, alfabetizadora, leitora.

No próximo ponto questionamos quais as práticas dotadas pela professora ou pela escola, enquanto educador, para modificar a postura dos alunos em relação a leitura, obtivemos respostas bem parecidas, as educadoras utilizam bastantes textos, poesias, livros literários.

Acreditamos também que uma boa prática em relação a leitura é a do professor criar condições para o aluno realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus interesses, necessidades, dúvidas. Em face disto, concordamos com Martins (1994, p. 34) quando ela afirma: “Assim criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou propiciar acesso aos livros. Trata-se, antes, de dialogar com o leitor sobre a sua leitura, sobre o sentido que ele dá, repito, a algo escrito, um quadro, uma paisagem, a sons, imagens, coisas reais ou imaginárias.”

A próxima pergunta se refere as dificuldades na leitura presentes na sala de aula, e obtivemos tais respostas: uma professora refere-se a idade dos alunos, outra a não compreensão dos textos e a terceira professora a falta de compromisso dos pais.

Consideramos que a aprendizagem é um conjunto de fatores dos quais podemos citar a família e a escola. A leitura e a aprendizagem andam juntas, logo inicia-se na família, continua na escola e volta novamente para a família, sem estes aspectos fica impossível construir algum conhecimento válido.

A dificuldade de compreensão dos textos esta presente em várias escolas, e é difícil trabalhar com a leitura sem este aspecto, sendo a leitura uma decifração e uma decodificação. Assim diz Cagliari (1995) .150: “A leitura sem decifração não funciona adequadamente, assim, sem a decodificação e demais componentes, referente à interpretação, se torna estéril e sem grande interesse.” É importante ler e entender o texto para que a partir daí criemos o nosso próprio significado, interagindo com o autor da obra.

Continuando o questionário perguntamos as professoras o nível de leitura de seus alunos e elas responderam que era razoável, onde eles estão começando a descobrir a leitura.

Acreditamos que mesmo aos poucos é importante o início da prática da leitura, seja por meio de leituras já realizadas ou qualquer meio de expressão e pensando de forma otimista conquistaremos o objetivo almejado, construir bons leitores. Neste sentido concordamos com Martins (1994) p. 87: “A leitura, mais cedo ou mais tarde, sempre acontece, desde que se queira realmente ler. A cima de tudo, precisamos ter presente não conseguimos de vez, dar o pilo d gata – bem, que se continue andando ainda pouco, pois não é pecado caminhar.”

Concordamos com a autora, devagar, mais sempre, e é fundamental também não ter preconceito, nem receio de carregar para a leitura alguma experiência anterior. Atualmente a realidade da escola com relação a leitura já melhorou bastante, como também o acesso ao sistema educacional, contudo, precisamos avançar mais.

Por último questionamos a importância do hábito de leitura nas pessoas e todas afirmaram que é primordial, adquirir através da leitura conhecimentos e novos horizontes.

Acrescentaríamos também que a leitura traz vários benefícios, oferece subsídios consideráveis, aponta novas direções e de modo a esclarecer dúvidas, evidenciar aspectos antes despercebidos, apurar a consciência crítica a cerca do texto, dentre outros.

Acreditamos que um dos múltiplos desafios a ser enfrentados pela escola seja a prática da leitura, pois a sua aquisição é imprescindível para podermos agir com autonomia nas sociedades letradas, e ela provoca uma desvantagem profunda nas pessoas que não conseguiram realizar esta aprendizagem.

3.4. Análise do Estágio

Escola: Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Cecília Estolano Meireles
Localização: Esta localizada na zona urbana da cidade de Cajazeiras., no bairro das Casas Populares.

Clientela: A grande maioria dos alunos é proveniente da classe baixa, pessoas carentes da comunidade.

Turnos: Na escola funcionam os anos do Ensino Infantil pela manhã, a tarde funciona o Ensino Fundamental e a noite as turmas de EJA e tele curso.

Dependências: São distribuídos em salas de aula, banheiros, sala de recursos, cozinha, dispensa, diretoria, secretaria, pátio para recreação, não tem biblioteca.

Recurso: Computadores, mimeografo, televisão, vídeo.

Situação dos professores: Todos são efetivos do município e do estado.

Total de alunos: São 900 alunos no total, distribuídos nos três turnos, sendo que pela manhã e a tarde cada sala tem cerca de 40 alunos e a noite 25 alunos, média.

Projetos: Jornada de trabalho, Diversificando para aprender, Escola promotora de cidadania, Rádio Recreio.

O Estágio Supervisionado aconteceu na escola já citada no período de Outubro a Dezembro de 2007 e foi realizado com os alunos do 3º ano, eles foram observados de forma sistemática.

Ao chegarmos na escola os funcionários daquela instituição foram bem receptivos, logo iniciamos uma breve observação nos alunos e como a professora trabalhava a leitura em sala de aula.

A turma era composta de 22 alunos, entre meninos e meninas, a frequência era razoável. Na sala não havia nenhum recurso que incentivasse a leitura, havia poucos murais, tinha lousa, as cadeiras velhas, os livros do professor cedidos pelo município e os cadernos dos alunos. Não havia frases acolhedoras e incentivadoras em sala, algumas estavam distribuídas nos corredores da escola, os recursos didáticos eram precários para a quantidade de alunos na escola, mas, são solicitados aos pais, como: lápis de cera, cola, tesourinha, e cadernos. Os alunos são bastante dispersos e geralmente não acompanham bem a professora.

A maioria das aulas eram expositivas, o material mais utilizado pela professora era a louca, o livro didático e o caderno, infelizmente não havia uma organização com relação a metodologia a ser usada para instigar os alunos para a leitura.

A criança entra em contato com vários objetos, e aqueles que mais lhe chamarem a atenção são conservados através da linguagem escrita e assim ela descobre o prazer de ler antes de aprender a ler, podemos também trabalhar na escola o contexto dos alunos, aproveitando o conhecimento prévio dos alunos, para que assim o dia-a-dia deles possa contribuir para a formação de leitores mais compreensivos e críticos, pensando assim, o trabalho com leitura construirá leitores competentes. (Martins, 1994, p.28)

Observamos também que a maioria dos alunos não sabe ler direito, o grau de aprendizado dos alunos não é igual, uns apresentam mais dificuldades de ler e compreender do que outros, e isto atrapalha um pouco o desenvolvimento das tarefas aplicadas pela professora. A compreensão dos textos é bastante lenta na sala, um fato preocupante, pois um aluno que tem o hábito de ler, mesmo não tendo um bom desempenho em algumas disciplinas (talvez) compreenda melhor os conteúdos transmitidos.

Consideramos a leitura uma atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos, ela é a extensão da escola na vida das pessoas. Assim, concordamos com Cagliari (1995, p.148): quando ele afirma: “É muito mais importante saber ler do que saber escrever.” Esta instituição ainda precisa ensinar a ler e entender não só as palavras, mas, também os textos específicos de cada matéria, pois tudo o que é ensinado na escola esta ligado a leitura e depende dela para se manter e se desenvolver.

Toda a observação realizada anteriormente ao estágio nos proporcionou um conhecimento sobre os alunos que trabalhamos posteriormente. Procuramos atender as necessidades daquela turma e buscar caminhos para que desfrutem naquelas crianças o encanto e a importância da leitura.

Apesar de dispormos de todo o material adquirido uma grande insegurança nos tomou conta, pois, o maior intuito era trabalhar o conteúdo de modo que prendesse a atenção e a participação da sala. Motivando-os para o tema em estudo.

Durante o período do estágio preparamos um planejamento para cada dia de aula, não foi muito fácil, pois os alunos eram bastante dispersos, porém a maioria da sala participou dos conteúdos programados. Para exemplificar o trabalho desenvolvido nesta escola relatamos alguns dos temas que foram propostos aos alunos.

Em um dos primeiros encontros trabalhamos com cantiga de roda, considerando que os alunos gostavam bastante de cantar. Antes de iniciar a aula perguntei a alguns alunos os cantos mais no dia-a-dia, todos participaram. Após apresentado em cartolina uma cantiga de roda bem conhecida de todos, cantamos depois realizamos uma leitura coletiva e com este mesmo canto em mãos mimeografado, foi solicitado que cada um realizasse uma leitura individual. Posteriormente trabalhamos a compreensão do texto exposto e em seguida a sala foi dividida em grupos e cada grupo expôs uma cantiga de roda a sala.

A apresentação da música ocorreu de forma animada, como para os alunos aquela atividade parecia mais uma brincadeira do que uma tarefa, conseguimos que todos participassem então não houve dificuldades já que os alunos conheciam a maioria das cantigas de rodas apresentadas. Observamos as habilidades dos (as) alunos (as), da oralidade, junto com a socialização da turma e o incentivo à leitura, que consideramos um bom resultado nestes aspectos.

Utilizando o conhecimento prévio dos alunos sobre as frutas, expomos em outro momento várias gravuras em cartolina e questionamos os alunos de que maneira poderíamos utilizar aquelas frutas que eram típicas da região nossa casa, alguns responderam e deram várias sugestões e então apresentamos para eles uma receita de salada de frutas, e distribuímos para cada um, uma divertida receita mimeografada. Em seguida eu li o texto para eles e cada um leu individualmente e quem terminasse de ler recebia lápis de cera para que pintassem as gravuras na tarefa. Feito isso, solicitei que alguns falassem um pouco do que já tínhamos discutido. O intuito era incentivar a leitura, seja qual texto for e analisar o interesse e participação dos alunos. Contudo o resultado de compreensão não foi muito satisfatório, pois apesar de trabalhar com aspectos que eles conheciam, alguns não se sentiam a vontade para opinar, enquanto outros queriam transformar a sala numa bagunça.

Percebemos que não era trabalhada com os alunos história em quadrinhos, então desenvolvemos este conteúdo, no interesse de deixá-los bem vontade, para aquele momento de leitura. Então, distribuí várias revistas e os deixei um pouco para que eles lessem, e dividimos a sala em equipes, já que a quantidade de revistas era menor que o número de alunos, e assim a turma foi dividida, mesclamos os (as) alunos (as) com maiores dificuldades de leitura dos que apresentavam menos. O interesse e participação foram bastante proveitosos,

alguns falaram um pouco dos personagens e historinhas que tinham nas revistas. Aproveitando o abuso dos sinais de pontuação, eu chamamos a atenção dos alunos sobre este tema. Analisamos agora o conhecimento prévio dos alunos sobre os sinais de pontuação que era razoável e a relação das gravuras com os sinais e frases.

Um outro tema bem divertido para utilizar em sala é as adivinhas, já nesta aula, foram apresentadas algumas adivinhas na cartolina e os alunos responderem algumas, após, apresentamos as respostas daquelas que a turma não respondeu. Sugerimos aos alunos outros tipos de adivinhas e alguns se mostraram bem à vontade e lançaram várias para a turma. Posteriormente discutimos a cerca de como é importante realizarmos uma leitura atenta não só para este tipo de texto, bem como em outros. Nesta aula observamos a socialização da sala de aula e o interesse para a leitura, esta aula foi bem divertida e os alunos participaram, respondendo e perguntando.

Em outro momento, propomos trabalhar com diversos portadores de texto, atentando-os para ler para buscar informações e reconhecer que todos os tipos de textos contem alguma informação. E assim o fizemos, distribuímos para a sala revistas, jornais, rótulos de produtos, papel e tesoura e solicitei que os alunos recortassem algo que houvesse o que citamos acima. Após a recortagem e colagem do material, discutimos sobre o que os alunos produziram, realizamos a leitura de um dos anúncios contido em um dos trabalhos e pedimos que eles produzissem algum tipo de anúncio, assim, o fizeram, e alguns leram o que produziram para a sala. Esta aula também foi proveitosa, pois, todos realizaram a atividade, claro que alguns com suas dificuldades e limitações, todos tiveram o interesse de pesquisarem e escreverem o que foi solicitado.

Assim, tentaremos trabalhar a leitura e o incentivo que deve evidenciar a escola, a este tema, questionando as dificuldades encontradas pelos alunos dos anos iniciais em trabalhar com leitura, e identificando tais dificuldades, para que assim, trabalhemos para realizarmos uma prática bem desenvolvida, na vida educacional e pessoal de casa aluno, proporcionando-os acesso a leitura e a oportunidade de se tornarem sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem e cidadãos que possam utilizar os benefícios da leitura na vida social e pessoal.

CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

Em vista dos aspectos antes expostos, percebemos que uma pedagogia da leitura que objetiva a construção do leitor, se funda na descrição da estrutura dos textos. Mais do que isso, uma pedagogia de leitura de cunho transformador propõe, ensina e encaminha a descoberta da função da leitura pelos textos num sistema comunicacional, social e político.

Consideramos que para promover a leitura é preciso assegurar oportunidades de continuidades de estudo ou em programas educativos nos quais as pessoas possam continuar aprendendo ao longo de toda a sua vida, as ações direcionadas a leitura juntamente com a alfabetização devem estar conectadas à possibilidades de aplicar e aperfeiçoar conhecimentos e habilidades recém-adquiridas. As práticas também de alfabetização devem promover a leitura, a interpretação e a produção de uma grande diversidade de textos, o enfrentamento de variadas situações comunicativas, e reconhecimento dos desafios e problemas que se colocam ao produzir uma mensagem, a reflexão sobre a linguagem, convertendo-se em objeto de análise e estudo, tendo em vista a comunicação e interação entre as pessoas.

Obtivemos também como resultados desta monografia que é indispensável que os (as) alunos (as) leiam diariamente, para que de fato favoreçam o desenvolvimento da compreensão leitora, com propósitos significativos, empregando estilos variados para os diversos materiais, pois ler é um processo complexo, no qual todas as pistas e aprendizagens só podem ser alcançadas através da própria leitura.

No intuito de melhorar as dificuldades dos alunos nos anos iniciais no processo de aquisição da leitura, constatamos também que é preciso fortalecer e apoiar os educadores, no sentido de serem investigadores criativos e reflexivos em sua prática estabelecendo interações com os educandos nas quais respeitem suas culturas, seus valores e seus processos de aprendizagem, de saber escutar e interpretar suas expectativas. O grande desafio consiste em estabelecer um processo de formação permanente, promovendo aprendizagens relevantes para a atuação profissional e para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que respondam a um conceito amplo de alfabetização e às demandas educativas desses grupos.

Comprovamos que a escola possui alguns recursos que podem ser utilizados para construir conhecimentos significativos e consolidados sobre os processos que nos permitem ler e compreender, como também o processo que nos torna bom leitores e sobre as razões que levam alguns alunos a não ler e não compreender bem, então, nós como educadores devemos favorecer ao aluno (a) oportunidade para interagir com a linguagem escrita, construindo pequenos esquemas interpretativos e assim desenvolvendo-se como leitor.

A escola deve proporcionar que o encontro com o mundo do texto seja uma experiência comunicativa gratificante e nesse sentido encorajar a quebra da rotinização, seja qual for o nível de leitura, ou seja, mesmo sabendo que o professor tem que sugerir passos, ou a utilização do livro didático, mas não deixando o momento de ensino com o sentido de rotina..

Enfim, existem várias dificuldades no processo da leitura nos anos iniciais, as pessoas diferem em sua capacidade para dominar diferentes saberes, ninguém tem a mesma facilidade para aprender, mas é tarefa da educação e da escolarização compensar essas diferenças trilhando vários caminhos expostos anteriormente e propiciar o pleno processo de leitura a todos.

Apesar de dispormos de material para trabalharmos com esta temática, consideramos que este desafio, trouxeram várias experiências significativas, principalmente a vivencial com a sala de aula, já que esta realidade nunca tinha sido concretizada anteriormente. Mesmo com toda a insegurança e inexperiência certamente foi um aprendizado grandioso e significativo.

Constamos algumas dificuldades encontradas pelos alunos em consolidar uma boa prática de leitura nos anos iniciais bem como a sua importância, observamos também algumas dificuldades dos professores em trabalhar com a leitura e sugerimos caminhos para mediar esta aprendizagem, como também os recursos que dispomos para concretizar tal prática, propondo estratégias que auxiliem nesse processo, então, consideramos que os objetivos deste trabalho foram alcançados, contudo, é imprescindível um engajamento maior da educação e de todos que a compõe para realmente alcançarmos outros objetivos educacionais.

REFERÊNCIAS

BACELAR, Lucidalva Pereira & CUNHA, Maria Josenilde Costa. *Metodologia do Ensino de Português*. Fortaleza – Ceará. 2000.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares: Língua Portuguesa*. 3ª Edição. Brasília. 2001.

BREGUES FILHO, José. *Uma leitura da literatura infantil na escola*. Fortalea: Breves palavras, 2004.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e lingüística*. São Paulo: Editora Scipione, 1995.

FOUCAMBERT, Jean. *A leitura em questão*. / Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes médicas, 1994.

KAUFMAN, Ana Maria & RODRIGUEZ, Maria Elena. *Escola, leitura e produção de textos* / Trad. Inajara Rodrigues. Porto alegre: Artes Médicas, 1995.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 11ª Edição. São Paulo. Brasiliense, 1994.

MATOS, Kelma Socorro Lopes. *Pesquisa Educacional. O prazer de conhecer*. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, UECE, 2001. p. 58:61.

PENNAC, Daniel. *Como em romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Tra. Cláudia Achilling. 6ª Edição. Porp Alquelegre. ArtMed, 19983

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADEMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
DISCIPLINA: PRAT. DOC. NAS SÉRIES INIC. DO ENS. FUNDAMENTAL III
PROFESSORA: MARIA JANETE DE LIMA
ALUNA: KATIANE ALVES SOARES

GESTOR

FORMAÇÃO: _____

TEMPO QUE TRABALHA NA EDUCAÇÃO: _____

01. A escola tem algum projeto? Vem sendo realizado?

02. Como a escola trabalha os conhecimentos dos alunos?

03. Quais fatores que contribuem para o sucesso educacional desta instituição de ensino?

04. A escola possui algum lugar direcionado para a leitura?

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
DISCIPLINA: PRAT. DOC. NAS SÉRIES INIC. DO ENS. FUNDAMENTAL III
PROFESSORA: MARIA JANETE DE LIMA
ALUNA: KATIANE ALVES SOARES

PROFESSOR

FORMAÇÃO: _____
TEMPO QUE TRABALHA NA EDUCAÇÃO: _____
SÉRIE EM QUE TRABALHA: _____

01. Qual o melhor ambiente na sala, que favoreça o processo da aprendizagem?

02. Quais as práticas adotadas pela escola ou por você enquanto educador, para modificar a postura dos alunos em relação a leitura?

03. Quais são as maiores dificuldades na leitura presentes na sala de aula?

04. Como é o nível de leitura dos seus alunos?

05. Como você destacaria a importância do hábito de leitura nas pessoas?
